



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO



NILSON JOSÉ DE OLIVEIRA

Da educação tradicional à educação do campo: os desafios e avanços da travessia, a partir de um estudo na Escola Família Agrícola Nova Esperança

Novembro de 2014

NILSON JOSÉ DE OLIVEIRA

Da educação tradicional à educação do campo: os desafios e avanços da travessia, a partir de um estudo na Escola Família Agrícola Nova Esperança

Monografia

do Curso de Especialização em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais,

Orientadora: Prof^a. Maria Amália de A. Cunha

Co-orientador: Prof. Doutorando Gilvander Luís Moreira.

Belo Horizonte

Novembro de 2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, amigo e companheiro sempre presente, sem o qual nada teria feito.

Aos meus familiares, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram ao meu lado dando todo o apoio.

À Minha esposa Rosa Croccoli de Oliveira, que tanto me incentivou e, de modo incondicional, deu total apoio para que eu pudesse realizar este projeto.

À minha mãe, Maria Luisa de Oliveira (in-memoria), cujo falecimento ocorreu dia 10/06 do ano em curso. Ela que, mesmo não compreendendo porque se ausentar tanto para estudar, estava sempre torcendo por mim.

Aos professores: Orientadora: Prof^a. Doutora Maria Amália de A. Cunha

Co-orientador: Prof. Doutorando Gilvander Luís Moreira, pelas ricas orientações e incentivo durante a etapa de qualificação desse trabalho de pesquisa que através de um processo dialógico possibilitou a construção de saber.

Aos Professores e funcionários da Faculdade de Educação de Minas Gerais, pelas amizades consolidadas ao longo do curso e pela troca de saberes.

Aos meus amigos e colegas de especialização pelo estímulo, amizade e companheirismo.

Aos sujeitos da pesquisa da Escola Família Agrícola Nova Esperança, que, com carinho e dedicação, contribuíram para a construção desta monografia.

“O real não está na saída
nem na partida,
ele se dispõe para gente
é no meio da travessia”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

OLIVEIRA, Nilson. Da educação tradicional à educação do campo: os desafios e avanços da travessia, a partir de um estudo na Escola Família Agrícola Nova Esperança.

(Especialização) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A prática pedagógica da educação do campo é imprescindível para o cultivo da cultura camponesa, pois é através de uma pedagogia com prática libertadora que conseguiremos construir um saber crítico e emancipador do sujeito.

Esta experiência pedagógica vivenciada pela educação do campo, e aqui falamos de modo especial da Escola Família Agrícola Nova Esperança, tem notórios desafios e também avanços detectados na prática educativa, que vai dando as condições necessárias e gradativamente consolidando o processo emancipatório de caráter transformador contribuindo para a transformação dos sujeitos.

Além de me referenciar na rica bibliografia existente sobre educação do campo como uma pedagogia de participação popular, realizei uma pesquisa junto a estudantes e pais bem como, pesquisa documental, instrumentos estes que contribuíram significativamente no processo de análise e consolidação da pesquisa sobre a transição da Educação Tradicional à Educação do Campo: Desafios da travessia, dificuldades e vantagens.

Palavras Chaves: Educação do Campo, luta social, educação que transforma.

SUMÁRIO

Agradecimentos-----	01
Resumo-----	02
Introdução-----	04
Contextualização da EFA Nova Esperança-----	06
Os desafios da travessia-----	09
Primeiras pérolas da pesquisa-----	11
Estudantes entrevistados-----	11
Pais entrevistados-----	12
Dificuldades-----	15
Avanços-----	18
Considerações finais-----	22
Credo do educador-----	25
Referências Bibliográficas -----	26

Da educação tradicional à educação do campo: os desafios e avanços da travessia, a partir de um estudo na Escola Família Agrícola Nova Esperança

*“Ensinar não é transmitir conhecimentos,
mas criar possibilidades para a criação do saber.”*
(Paulo Freire)

1. INTRODUÇÃO.

A pedagogia da educação do campo visa a formação integral das pessoas a partir do contexto vivenciado pelas famílias, com uma visão integral onde a pessoa se forma nos âmbitos técnico, profissional, intelectual, social, humano, ético e espiritual. Trata-se de uma educação contextualizada que vem sendo ao longo da sua história construída com os sujeitos. Afirma Paulo Freire: “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a criação do saber.”¹ Neste sentido, a pedagogia da alternância estimula a participação e o envolvimento das famílias no processo de formação e construção de uma Sociedade Sustentável, justa e solidária. Esta formação se realiza por alternância entre a escola e a residência familiar com uma frequência de quinze dias na escola e quinze dias na casa e comunidade da família.

Da educação tradicional à educação do campo: os desafios e avanços da travessia, a partir de um estudo na Escola Família Agrícola Nova Esperança.

A partir desse tema dialogaremos com o sujeito que antes vivenciou a experiência da escola tradicional, em que o mesmo estava na escola, mas no dia a dia também estava no aconchego da família. Com a mudança para uma escola do campo, na perspectiva da Educação do Campo, quais foram os desafios e

¹ Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia, Editora Vozes Paz eTerra..SP 1996. p. 47.

dificuldades enfrentadas e os avanços conquistados? É o que analisaremos ao longo desta pesquisa.

Vale ressaltar que, tradicionalmente, o modelo adotado pela escola pública, o paradigma considerado normal, o professor é o sujeito ativo e o estudante é o alguém passivo, mais objeto do que sujeito; o professor, muitos pensam, que é aquele que supostamente sabe tudo, enquanto o estudante está na sala somente para aprender o que o professor transmite. Muitas vezes, as condições reais de trabalho encontradas pelos profissionais da educação não favorecem o bom desempenho de suas atividades pedagógicas de forma que possam dialogar com os estudantes, possibilitando assim o conhecimento da realidade vivenciada, não levando em consideração as particularidades dos estudantes tais como sua situação econômica, cultural e social.

Ao estabelecer o diálogo com os pais é possível perceber o nível de envolvimento dos mesmos tanto na escola tradicional quanto na escola por Alternância. Na escola do campo há envolvimento dos pais desde o processo de construção física da escola, construção do projeto pedagógico, na sustentabilidade econômica bem como na definição do currículo escolar, pensando até mesmo no calendário agrícola de modo que os estudantes possam contribuir com a sustentabilidade da família.

Os Centros Familiares de Formação por Alternância Agrícola possuem uma história de relação bastante singular com essa perspectiva de educação integral desde seu surgimento no interior da França na década de 1930 com a denominação de Movimento das Casas Familiares Rurais. Surgiu por iniciativa de grupos de agricultores e pessoas afins, oriundos de várias experiências de organizações sociais da época, tais como: pais, agricultores, dirigentes sindicais, sacerdotes, gente da cidade e do campo com uma preocupação comum, ainda que de diversos pontos de vista, pela situação e o futuro do campo que se organizaram em Associação com o desejo de dar a seus filhos/as melhores condições no processo de formação. Com envolvimento das famílias, uma escola com gestão compartilhada tendo a família como protagonista (Formação em Alternância e Desenvolvimento Local, 2010).

No Brasil, os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFAS), chegaram ao final da década de 1960 com a nomenclatura Escolas Família Agrícola

(EFA), tendo como pioneiro o Estado do Espírito Santo através da articulação e mobilização do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES). A partir daí, a experiência foi se espalhando pelo Brasil afora, e segundo dados no sítio da UNEFAB, existe atualmente no País 263 (duzentos e sessenta e três) CEFAS. Sendo estas distribuídas da seguinte forma: 145 Escolas Famílias Agrícola (EFAs); 71 Centros de Formação Famílias Rurais (CFFRS) e 47 Centros de Formação Rurais (CFRS).²

No Estado de Minas Gerais, as Escolas Família Agrícola tiveram início no ano de 1984. Atualmente o Estado atinge o número de 20 (vinte) EFAs em funcionamento e várias outras em fase de implantação. Desse total, duas estão localizadas na região Norte de Minas: Escola Tabocal, fundada no ano de 2005 no município de São Francisco e a Escola Família Agrícola Nova Esperança no Território da Cidadania do Alto Rio Pardo, localizada na Rodovia MG 404, Comunidade de Matrona, município de Taiobeiras, MG, a 700 quilômetros da capital do estado. A EFA Nova Esperança será objeto da nossa pesquisa de campo para subsidiar nosso estudo sobre o tema proposto.

1.1- Contextualização da EFA Nova Esperança.

A Escola Família Agrícola Nova Esperança (EFA/NE), com sede no município de Taiobeiras, como já dito acima, é de abrangência Territorial. Instituída com o objetivo de atender a estudantes dos 15 municípios que compõem o Território da Cidadania Alto Rio Pardo, cujo objetivo é proporcionar às famílias oportunidade de uma pedagogia de Alternância com foco em uma formação integral. A EFA Nova Esperança oferece Ensino Médio, etapa final da educação básica com duração de três anos, tempo considerado razoável para construir coletivamente as condições para a construção de sustentabilidade local e solidária, valorizando o conhecimento popular e as experiências de convivência com o semiárido. Objetiva oferecer uma formação humana integral como forma de possibilitar aos jovens o processo pedagógico articulado com sua realidade. Segundo Roseli Caldart (2008, p, 71), o movimento social tem um papel importante na concepção da Educação do Campo.

² www.unacefas.org.br , acessado em 19/09/2014 às 11:15h.

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas. Nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistências de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (Caldart, 2008, p.71.)

Da mesma forma que a Educação do Campo nasceu dos movimentos sociais, podemos afirmar que a EFA Nova Esperança também é fruto da mobilização, articulação e lutas das organizações populares como os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), Rede de Educação Cidadã (RECID) e Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM) e Movimentos Sociais Populares existentes no território do Alto Rio Pardo. Posteriormente, o poder público também foi envolvido neste processo da implantação da escola de alternância.

A EFA Nova Esperança foi inaugurada em 27 de fevereiro de 2012, embora o processo de articulação, discussão e aprovação da proposta pelo colegiado tenha ocorrido desde o ano de 2007. A implantação da EFA Nova Esperança contou com investimento financeiro do Governo Federal através do Programa de Apoio a Projetos de Infraestrutura e Serviços nos Territórios Rurais (PROINF) através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Contou também com o apoio das Prefeituras do Território da Cidadania do Alto Rio Pardo, principalmente da Prefeitura de Taiobeiras, que foi a proponente do projeto.

A EFA Nova Esperança, atualmente atende 119 (cento e dezenove), estudantes vindos de vários municípios pertencentes ao Território, sendo eles: Taiobeiras, Rio Pardo de Minas, Berizal, Vargem Grande do Rio Pardo, Fruta de Leite, Curral de Dentro, Santa Cruz de Salinas, Indaiabira, São João do Paraíso e Ninheira. Os estudantes estão organizados em cinco turmas, sendo: uma do primeiro ano, duas turmas do segundo e duas turmas do terceiro ano, do Ensino Médio.

Administrada pela Associação Escola Família Agrícola do Alto Rio Pardo (AEFARP), de acordo com o Artigo 4º do seu Estatuto tem por finalidade:

1. Prover prioritariamente ações de caráter educacional e profissional de adolescentes jovens e adultos residentes na área rural de abrangência;

2. Promover uma educação gratuita, de qualidade e diferenciada, no Ensino Médio com educação profissional de nível técnico em agroindústria, agropecuária, e/ou outra área profissional, pelo sistema das Escolas Famílias Agrícola e a Pedagogia da Alternância;

3. Buscar a promoção e o desenvolvimento sustentável, através da educação-formação dos jovens, valorizando o espírito de solidariedade, respeitando o meio ambiente e promovendo a equidade de gênero e etnias, e qualquer tipo de grupos, dentro das diversidades culturais e de qualquer natureza dentro da sua área de abrangência;

4. Implementar uma formação global dos jovens, visando integrar uma educação em valores humanos, técnicos, científico, cultural, visando garantir o futuro dos jovens na região com qualidade de vida;

5. Manter serviços próprios de assistência médica, dentária, recreativa e educacional ou com estes objetivos, celebrar convênios com qualquer entidade pública ou privada;

6. Fortalecer e valorizar os vínculos familiares e comunitários, com medida preferencial para a busca de integração social, especialmente da criança e do adolescente;

7. Prover os valores éticos;

8. Prover ações de combate ao êxodo rural;

9. Incentivar a organização das mulheres em vista da conquista de seus direitos, do combate à violência, do machismo e de toda e qualquer forma de opressão, exploração e marginalização da mulher;

10. Promover a qualidade da educação no meio rural. (Estatuto, Artigo 4º p.1)

Além de Estatuto, a EFA/NE possui Regimento Interno fundamentado nos princípios filosóficos e metodológicos da pedagogia da alternância adotado pelas

Escolas Famílias Agrícolas. Tal instrumento foi construído a partir de um processo participativo envolvendo os diversos segmentos da sociedade civil e de órgãos públicos na perspectiva de oferecer curso de ensino médio profissionalizante para jovens do campo, egressos do ensino fundamental. Os trabalhos de base iniciaram-se no ano de 2005, quando foi definido que seria prioridade a criação de um modelo de educação diferenciado para os filhos dos agricultores familiares da região. (Regimento Interno da EFA NE, p. 3 e 4).

A EFA Nova Esperança oferece educação em nível médio com formação profissional de nível técnico em agroindústria e agropecuário. A disciplina com foco na agroindústria vem proporcionar aos estudantes a oportunidade de ampliar seus conhecimentos na cadeia produtiva das frutas do cerrado, bem como no cultivo da cana de açúcar, mandioca e a produção de derivados do leite. O processamento destes produtos agrega valores e gera trabalho e renda no campo. A oferta destes cursos se dá pelo regime de alternância, ou seja, os/as estudantes alternam períodos de formação no Tempo Escola, Tempo Comunidade e família. Neste caso, podemos afirmar que família e escola estão integradas no processo contínuo de formação dos sujeitos. Para Roberto Garcia, os termos formação e educação se confundem, pois são termos bastante utilizados na educação do campo, bem como na educação popular.

Os termos educação, formação, ensino e aprendizagem se confundem entre si. Todos têm elementos comuns, mas também podem ser distintos. De fato, existem muitos estudos de diferentes autores realizados a respeito, desde os tempos mais remotos até nossos dias. Empregamos o termo educação, em oposição aos termos de ensino, aprendizagem ou instrução, para insistir na idéia de superar a simples transmissão do conhecimento ou habilidades motriz. (Garcia e PUIG, 2010, P.60)

Vale ressaltar que, as terminologias nem sempre são o mais importantes. Imprescindível é compreender a formação como um conjunto de procedimentos, ações e criatividades metodológicas, que deverá reunir as condições necessárias para contribuir para o processo de conhecimento, necessário para a emancipação dos sujeitos em vários aspectos: humano, espiritual, social, profissional etc.

2. Os desafios da travessia.

“Então o camponês descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a cultura, renasce não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história.” (Paulo Freire)

Esta pesquisa, conforme mencionado tem por objetivo analisar as dificuldades presentes na travessia entre a educação tradicional e a educação do campo. A pesquisa foi desenvolvida com jovens estudantes da EFA Nova Esperança que uma vez concluído o ensino fundamental em uma escola tradicional, fizeram opção pela pedagogia da alternância, ou seja, fizeram a travessia da escola tradicional à escola do campo, fator este que os levou à convivência com outra realidade. Na EFA, os jovens estudantes passaram a conviver com nova metodologia de ensino, vivência coletiva, distante da família por mais tempo. Os estudantes passaram a vivenciar novos desafios, dificuldades, vantagens e novas perspectivas, o que proporcionou a construção de sujeitos capazes de transformar a história. Isto nos estimulou a pesquisar esta transição e tentar descobrir os efeitos e resultados desta travessia.

Nesse contexto, esta pesquisa tem por objetivo contribuir com a escola e com as famílias na construção do processo de formação e na afirmação dos jovens como sujeitos de direitos e protagonistas de sua história, na construção de uma sociedade com igualdade e justiça social, bem como identificar dificuldades e vantagens que a EFA vem proporcionando ao conjunto familiar. Além disso, procura colocar em prática resultados que estimulam a participação na construção de alternativas de convivência com o semiárido, de modo a melhorar as condições e a qualidade de vida no campo.

No contexto educativo e de promoção da CEFA, a família é um elemento fundamental. Não somente porque com sua participação garante melhor funcionamento da EFA, ou porque torna mais eficaz a fórmula pedagógica da Alternância. Trata-se de uma consequência derivada da exigência anterior e mais importante; a responsabilidade dos pais na educação dos filhos, contudo que comporta; participação, protagonismo e responsabilidade real no funcionamento da CEFA (GARCIA e PUIG, 2010, p.93)

A própria nomenclatura já afirma “Escola Família”. De fato, a pedagogia exige a participação dos atores, a família precisa assumir o papel de sujeito ativo no processo de formação contextualizada, além de manter o compromisso de contribuir de modo efetivo com a educação dos filhos, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e solidária. Pela educação, vale enfrentar todos os desafios com expectativas de descobrir novos caminhos, novos projetos com o propósito de transformar a realidade. Mas de que forma a educação pode transformar a realidade? Para o mestre Paulo Freire, a “*educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo*” .

Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida através de entrevista com questionários semi-estruturados, tanto com os educandos, como também com os Pais dos educandos. Ao todo foram entrevistados 6 (seis) estudantes respeitando equidade de gênero sendo 3 (três) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino. Em relação aos pais foram entrevistados 4 (quatro), sendo 1 (um) do sexo masculino e 3 (três) do sexo feminino. Por questões diversas não foi possível garantir a equidade de gênero em relação aos pais. Após o diálogo com os sujeitos envolvidos no processo da educação do campo, podemos antecipar que a pedagogia da alternância é uma experiência que vem contribuindo de forma significativa com a formação integral dos jovens, como afirma Garcia e Puig:

A formação Integral das pessoas. Não se trata simplesmente de dar curso de formação profissional como metodologia adequada, se trata de uma visão integral onde a pessoa se forma em todos os âmbitos - técnico, profissional, intelectual, social, humano, ético, espiritual... de suas capacidades como pessoa, como ser humano. (Garcia e PUIG, 2010, P.65).

Primeiras pérolas da pesquisa.

Foram entrevistados por meio de questionário jovens estudantes e pais de 8 (oito) municípios pertencentes ao Território de abrangência da EFA Nova Esperança, conforme quadro, abaixo.

Estudantes entrevistados.

Sexo	Município	Idade	Residência
M	Rio Pardo de Minas	20	Campo
M	Curral de Dentro	18	Campo
M	São João do Paraíso	20	Campo
F	Vargem Grande do Rio Pardo	18	Campo
F	Taiobeiras	18	Campo
F	Fruta de Leite	17	Campo

Pais entrevistados.

Sexo	Município	Idade	Residência
F	Vargem Grande do Rio Pardo	46	Campo
F	Santa Cruz de Salinas	45	Campo
F	Indaiabira	38	Campo
M	Rio Pardo de Minas	52	Campo

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados obtidos na pesquisa de campo-2014.

Segundo respostas obtidas em relação ao desafio da travessia, a experiência de cada um dos estudantes contribuiu de forma significativa para conhecer e dialogar sobre os desafios que eles enfrentaram na transição da escola tradicional à escola do campo. Contudo, as experiências vivenciadas pelos estudantes são carregadas de significados em todos os aspectos na vida escolar, familiar, sobretudo no processo pedagógico. A vivência prática com a pedagogia da alternância representou uma mudança de paradigma.

Para preservar o anonimato usamos nomes fictícios. Segundo o estudante Jefferson o fato de ficar distante de casa contribuiu para valorização da família e da vivência coletiva em casa. Aflora o sentimento de pertença à comunidade. Destaca ainda que na EFA a experiência coletiva contribuiu para a vivência em grupo. Diferente da escola tradicional a convivência com os colegas era somente de quatro

horas diárias, enquanto na EFA o período é de quinze dias. Afirma que este tempo ajuda para o bom relacionamento com as pessoas e a convivência coletiva.

Antes, quando os pais falavam a gente não dava tanto valor nas orientações deles. Quando a gente está fora é diferente. Ao conviver quinze dias na escola, a gente passa a dar mais valor à família e aos conselhos dos pais. Aumenta a saudade da convivência familiar. (Jefferson, 20 anos, Rio Pardo de Minas).

A senhora Rosilane, mãe de estudante da EFA, afirma que no início foi um desafio ficar longe da filha, sentia insegurança e muita preocupação. A preocupação era amenizada quando se comunicava com a filha por telefone e percebia que tudo estava bem.

No início foi muita preocupação. A gente não via muita segurança. Eu ligava para ela todos os dias. Mas ela dizia que estava tudo bem. Ela nunca havia saído de casa para ficar longe e por tantos dias. Graças a Deus estamos vencendo. Quando chegava à escola chorava de emoção. Não sabia se chorava de saudade da minha filha ou se era de ver a escola de pé, foram muitos anos de luta. (Rosilane. Vargem Grande do Rio Pardo).

Os sentimentos de coletividade, do aprender com as ações grupais, são notórios. Os desafios se complementam no processo de aprendizagem. É o que afirma Garcia e PUIG (2010): “Formar pessoas em valores humanos, promotoras do desenvolvimento pessoal e coletivo, com uma capacidade de compromisso social no meio onde se encontra.” (Formação em Alternância e Desenvolvimento Local. 2010, p. 62).

Ficar longe da família não é bom, mas aqui é como afirmam os monitores da EFA, a gente deixa uma família em casa, mas temos outra família aqui. A gente aprende a conviver no coletivo. É uma experiência de vida. Aqui aprendemos a lidar com os problemas e buscar soluções. Tem coisas que as pessoas aqui não sabiam. Cada um traz de sua comunidade boas experiências. Mesmo sendo difícil ficar longe da família, sabemos que é por uma boa causa para o nosso futuro e para o bem do município. (Antunes, Curral de Dentro, MG)

A estudante Alânia, ao relatar a sua experiência na escola pública, ressalta as dificuldades enfrentadas, tais como, preconceitos, discriminação por ser do assentamento, dificuldade no deslocamento, distância, andava um longo percurso até o ponto de ônibus.

O meu ensino fundamental foi muito difícil. Assim que completei meus sete anos, mudei para o Assentamento e fui estudar a primeira série (hoje segundo ano) tinha que pegar o ônibus fora do Assentamento, eu ia a pé até a estrada. Como na época era o primeiro Assentamento da região, sofremos muito com o preconceito dos colegas e da população. Chamavam-nos de sem Terrinha. Muitos afastavam dos que morava no Assentamento. Além de ser pobre, morar na zona rural, o preconceito se tornava maior. Levamos essa vida por muito tempo. Saíamos de casa às 10:30h e chegávamos às 17:30h em alguns dias até 18:00 horas, chegava em casa muito cansada. O ônibus sempre muito cheio, às vezes, quebrava, tinha que ir a pé. (Alânia, Vargem Grande do Rio Pardo).

O relato da estudante apontou claramente como são grandes os desafios enfrentados pelos jovens que decidem deixar o campo para estudar na cidade. Muitos fatores limitam as condições da aprendizagem. Esses fatores limitantes vão se afirmando com a nucleação das escolas, levando os estudantes desde as séries iniciais saírem de suas casas ao raiar do dia percorrendo longas distâncias para chegar à cidade e/ou em escolas nucleadas em determinados lugares e/ou povoados.

Bom. Estudar aqui por um período de quinze dias é muito bom, o fato de concentrar no estudo consegue melhor resultado. Não sobra tempo para ocupar com celular. Então está sendo uma experiência muito boa, estudo de manhã e a tarde. Como gosto muito de estudar, aqui consegui ampliar meus conhecimentos, como por exemplo, o curso técnico em agropecuária está sendo uma experiência muito boa. (Jeane, Fruta de Leite, MG).

Segundo Queiroz (2004, p . 48, apud Alcione Nawroski. UFSC, 2012) a proposta de alternância de estudos visa a participação dos alunos durante um período, nos três períodos do dia, em regime de internato. No período seguinte de volta ao convívio com a família, o estudante realiza atividades próprias da unidade produtiva trocando experiência e fazendo a associação do conhecimento científico como conhecimento popular; de forma que a construção de conhecimento ocorra em

ambientes alternados. O confronto do conhecimento científico com os saberes populares é orientado pelos instrumentos pedagógicos identificados por Queiroz da seguinte forma: plano de formação, plano de estudo, caderno da realidade, caderno didático, visitas de estudo, investigações externas, estágio, caderno de acompanhamento, projeto profissional do jovem, visita à família e avaliação. São conhecidos como instrumentos pedagógicos que possibilitam implementar a Pedagogia da Alternância nos mais diversos contextos de escola, seja no ensino médio ou nas graduações de educação do campo.

Tranqüilo não foi. A mãe e o pai que tem o filho como Jefferson sempre próximo, quando sai é difícil, só aceitamos porque é para o bem dele. Tudo isso ajuda na educação. O filho só sabe o valor dos pais quando fica fora. Quando está chegando o dia dele retornar a escola, ele fala está chegando a hora de ir embora! O bom de ficar o período de quinze dias na EFA é a concentração no estudo, o desgaste é menor, porque são somente duas viagens para ir para voltar no período de quinze dias. Aproveita o tempo para estudar, consegue aprender mais, tem hora certa para alimentar. (Sidney, Rio Pardo de Minas/MG)

Os laços familiares fortalecem com afetividade e amorosidade entre pais e filhos, como afirma o senhor Sidney. O tempo escola contribui também para ampliar esta afetividade, ajuda ambos a valorizarem este sentimento humano. Sempre na perspectiva do desenvolvimento pessoal, familiar, coletivo, social e profissional. Para Caldart,

Olhar a escola como um lugar de formação humana significa dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia a dia, estão vinculados a um projeto de ser humano, estão ajudando a humanizar ou desumanizar as pessoas. Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina. Compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que ser humano estão ajudando a produzir e cultivar. Da mesma forma que as famílias passam a compreender porque não podem deixar de participar da escola, e de tomar decisões sobre seu funcionamento. (Caldart, 2008, p. 43.)

3.2. Dificuldades.

Quanto aos relatos referentes às dificuldades identificadas a partir das entrevistas realizadas com os estudantes e os pais, torna-se importante ressaltar que, em todo processo de transição há impactos em diferentes proporções. Neste caso da transição da pedagogia tradicional para a pedagogia da alternância, trata-se de quebra de paradigma. Se no ensino fundamental os alunos eram parte do processo, na pedagogia da alternância os estudantes não somente são parte como também fazem parte do processo. Eles passam de sujeito passivo para sujeitos ativos. A formação integral exige envolvimento co-responsável pelo funcionamento e construção do processo pedagógico. Segundo Arroyo:

Quando situamos a educação como um processo de transformação humana, de emancipação humana, percebemos quanto os valores do campo fazem parte da história de emancipação humana. Então como a escola vai trabalhá-los? Será que a escola vai ignorá-los? Será suficiente pegar o livro da cidade e apenas adaptá-lo? A questão é mais fundamental, é ir às raízes culturais do campo e trabalhá-las, incorporá-las como uma herança coletiva que mobiliza e inspira lutas pela terra, pelos direitos, por um projeto democrático e também pela educação. (Por Uma Educação Básica do Campo, 1999, p.24).

Historicamente, a tarefa da escola tradicional era de transmitir conhecimentos para o aluno que, em uma postura passiva, devia assimilá-los. Portanto, um modelo de educação que não contribuía no processo de emancipação, pelo contrário, levava o aluno a se sentir incapaz de construir a sua própria história, o invés de despertá-lo para ser protagonista crítico e criativo.

Não encontrei muitas dificuldades, somente na semana de adaptação que senti falta da convivência com minha mãe. Isto nas primeiras semanas, por ser o início não foi fácil. Mas com o passar dos dias fomos aprendendo a lidar com as dificuldades e conseguimos superá-las. (Antunes, Curral de Dentro/MG).

Para a estudante Alânia, a dificuldade foi maior, pois envolveu outros fatores, como a distância, a falta de transporte certo para ir e vir. Mas tudo isso tem

contribuído para ampliar a aprendizagem e a formação da consciência crítica na construção de uma sociedade mais igualitária.

Segundo a estudante Ângela, muitas pessoas tentaram dificultar a sua permanência na EFA, desestimulando-a ao invés de incentivá-la. Diziam que este tipo de escola não teria futuro. Isto causou certa dificuldade para a jovem que mesmo assim confiou na sua convicção e na possibilidade de fazer o ensino médio e curso técnico em agropecuária através de uma educação diferenciada. “Aqui a gente aprende de tudo; tem gente que chegou aqui não sabia fazer nada. Hoje sabe fazer de tudo um pouquinho”.

Para Fabiana, mãe de estudante da EFA, a dificuldade maior está relacionada à falta do filho em casa. “Por ser a primeira vez que ele sai para ficar por mais tempo fora da família, mas sabemos que em qualquer outra escola que ele fosse estudar ficaríamos sem ele em casa”.

“Tudo no início é difícil. Na escola também não foi diferente, na época a escola estava em construção. Por não conhecer o modelo da educação da EFA achei estranho, mas com a convivência e após participar de muitas reuniões fui conhecendo melhor, e hoje é tranquilo”. (Neide, Santa Cruz de Salinas).

“A dificuldade foi manter a escola. No início nos preocupamos muito com as contas a pagar, o custo é alto e a bolsa-aluno não cobria as despesas. Mas conseguimos sair do problema. Tinha dia que eu parava e pensava! Meu Deus, ajude!. Recebemos muita ajuda e conseguimos vencer. Uma cabeça só para pensar se torna difícil, mas com várias cabeças pensando se consegue alternativas para resolver os problemas”. (Rosilane. Vargem Grande do Rio Pardo).

Para a estudante Jeane, as dificuldades estão relacionadas basicamente em dois pontos: o transporte para ir e vir e a ausência da família.

“Dificuldades a gente sempre tem, entre elas a falta de transporte pra vir pra escola. Tem que ficar ligando para a Prefeitura e para o Sindicato para nos trazerem aqui. E sempre demora. Primeiro, eles levam os alunos nas escolas no município para depois nos trazer. Outra dificuldade é ficar distante da família. Sou muito apegada com minha mãe e meu pai. Mas é necessário enfrentar os desafios, pois sabemos que não podemos ficar ao lado deles o tempo todo. Os primeiros dias foram mais difíceis, sentia vontade de ir embora. Melhorou após se iniciarem as aulas práticas e com o desenvolvimento das técnicas”. (Jeane. Fruta de Leite /MG).

Segundo o senhor Sidney, “a maior dificuldade quem sente é ele. (se referindo ao filho Jefferson) que sente falta até da comida que a mãe faz. Para nós ficar sem ele não é bom. Achamos melhor ficar juntos”.

3.3. Avanços.

Segundo as respostas obtidas através das entrevistas realizadas com os pais e estudantes da Escola Família Agrícolas Nova. Esperança, percebe-se que ao tomarem a decisão de vivenciar a pedagogia da alternância estavam carregados de incertezas. Óbvio que tudo o que é novo pode ocasionar incerteza, insegurança e dúvidas, mas ao experimentar o novo pouco a pouco vai se tornando “familiar”. Ao mesmo tempo carregavam consigo o desejo de realizar o sonho de se formar em uma área de atuação profissional, ampliar o conhecimento no cultivo da terra. Para Caldart, lidar com a terra e cuidar a terra é um ato de sabedoria.

Pedagogia da terra. Ela brota da mistura do ser humano com a terra: ela é mãe, e somos filhos e filhas da terra, nós também somos terra. Por isso precisamos aprender a sabedoria de trabalhar a terra, cuidar da vida: a vida da terra (Gaia), nossa grande mãe; a nossa vida. A terra é ao mesmo tempo o lugar de morar, de trabalhar, de produzir, de viver, de morrer e de cultuar os mortos, especialmente os que a regaram com o seu sangue para que ela retornasse aos que nela se reconhece. (Roseli Caldart, Por uma educação básica do campo, 1999, p. 31)

Uma vez que os estudantes juntamente com seus familiares convivem com a terra, trabalham a terra, acompanham o dia a dia de toda cadeia produtiva, fazem da semente uma planta e da planta os frutos do alimento. Alimento que garante a segurança alimentar no campo e cidade. Segundo informação do Ministério do Desenvolvimento Agrário, a agricultura familiar é responsável por 70% (setenta por cento) do alimento que vai para mesa dos brasileiros³, e de acordo com informações do site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a agricultura familiar gera mais de 80% da ocupação no setor rural e responde no Brasil por sete de cada 10 (dez) empregos no campo.⁴

Contudo, vale ressaltar outro valor importante na agricultura familiar a partir da pedagogia da terra, que é a produção agroecológica. Aos poucos os agricultores/as vão se conscientizando da importância de produzir sem o uso de agrotóxicos, adotando práticas saudáveis e sustentáveis de produção, utilizando produtos alternativos no controle das pragas e dos insetos. Isso contribui com a sustentabilidade da terra, com a saúde das pessoas e do meio ambiente como todo. Haja vista que o Território do Alto Rio Pardo vem enfrentando os impactos sociais e ambientais causados pelos os projetos de exploração do minério, mineroduto, bem como a monocultura do eucalipto.

Estes e outros avanços aparecerão, a seguir, através dos depoimentos dos entrevistados/as.

Jefferson, ao ser indagado sobre os avanços após a travessia para a escola família, disse.

“Considero um grande avanço! Como falei anteriormente, a escola prepara os estudantes para conviver na sociedade e para o exercício do trabalho. Lá aprendemos a conviver com a natureza, a preservar o meio ambiente, a mãe terra. Na escola tradicional não tive este preparo, não tem esta vantagem”.

³ www.brasil.gov.br , acessado às 09:05h do dia 27/09/2014.

⁴ www.conab.gov.br , acessado às 09:06h do dia 27/09/2014.

Para Antunes, estudar na EFA tem muitas vantagens.

“Por exemplo, se estivesse fazendo o ensino médio em uma escola tradicional, eu não estaria fazendo o curso técnico em agropecuária. No entanto aqui estou tendo oportunidade de sair com o curso técnico que irá proporcionar novas oportunidades em minha vida. Aqui a gente estuda quinze dias na teoria e outros quinze na prática. Temos mais quinze dias para desenvolver o aprendizado através das atividades desenvolvidas na comunidade e com a família. Acho que não adianta aprender só na teoria, tem que colocar em prática. Os quinze dias que a gente fica em casa com a família são suficientes para colocar em prática tudo que aprendemos aqui. É uma experiência muito boa”.

A senhora Neide, mãe de estudante, tem a seguinte opinião a respeito da participação de sua filha na EFA:

“Tem muitas vantagens. Em primeiro lugar ela está aprendendo a conviver fora de casa. Se algum dia precisar ficar distante da família, ela consegue se virar sem muitas dificuldades. Hoje, ela já sabe buscar e defender os interesses dela. O curso está contribuindo para ela definir o que ela quer dedicar enquanto profissional, dá para perceber que o interesse dela está voltado para a bovinocultura. Quando ela está em casa, está sempre com o Pai cuidando dos animais, dando ração, curando bezerros, tirando leite, ou seja, uma dedicação total”.

O estudante Galvão considera um avanço em muitos aspectos o estudo na EFA .

“A EFA foi um lugar que aprendi muito, aqui é uma fonte de aprendizagem. É uma troca de saberes entre estudante e

professores, este é um diferencial da escola tradicional, muito bom! Como a gente diz a teoria se completa como a prática. Estou com projeto para cultivar mandioca, se eu não tivesse aqui, não teria esta iniciativa. A escola tradicional pública não daria a mim o incentivo de continuar trabalhando no campo”.

Alânia afirma:

“Aqui aprendi a conviver com outras pessoas, obtive maior conhecimento, novas amizades, maior integração social, maior interesse pela escola. Ampliei meus conhecimentos com o desejo de ser alguém na vida. O que aprendo aqui repasso em casa, na comunidade, como por exemplo, o plano de estudo, atividade de retorno. Os assuntos são socializados nas reuniões, ou em conversas informais. Ou seja, levamos os assuntos, trazemos as experiências e as dúvidas para a escola”.

A senhora Fabiana, mãe de estudante, afirma:

“A nossa expectativa está sendo correspondida. Ele se desenvolveu bastante em todos os sentidos, ficou mais comunicativo partilhando o que aprendeu com a família e a comunidade. Entre as práticas que ele está desenvolvendo, destacamos um galinheiro móvel, cultivo de banana, defensivo natural, utilizando ervas naturais e urina de vaca para substituir a ureia. No caso da ureia aprendemos que deve ser utilizada diretamente no solo, caso seja aplicado direto nas folhas pode provocar danos nas plantas. Ensinou também fazer o viveiro para plantar mudas de alface e couve. Durante o tempo que ele fica em casa, trabalha com o pai em nossas atividades agrícolas”.

Jeane, relata os avanços que ela considera importante nesta travessia.

“Ampliou os meus conhecimentos. Aprendi muitas coisas que eu não sabia. Como por exemplo, produzir os defensivos

naturais. Estou produzindo a calda bordaleza e usando produtos naturais que vão garantir a produção de alimento mais saudáveis. Quero continuar estudando, pretendo fazer o curso de Agronomia. Portanto, o curso em agropecuária está tendo uma enorme vantagem”.

Para o senhor Sidney, pai de estudante, estudar na EFA tem avanços significativos.

“Teve e tem muitas vantagens! Ele vai sair uma pessoa formada, se quiser seguir a carreira nesta área. Ele já vem praticando a agroecologia, adubação orgânica. Está desenvolvendo práticas em curso com agricultores, como o canteiro econômico, manejo adequado do solo, piquetes com cerca elétrica, homeopatia, combatendo as pragas com elas mesmas. Para combater a mosca de chifre não precisa gastar dinheiro com remédio. Essas informações ele já vinha praticando desde criança junto comigo. Precisamos aperfeiçoar, nesse mundo cheio de veneno precisamos construir alternativas”.

Para Sidney, o desenvolvimento e o aprendizado do filho Jefferson estão sendo importantes. Disse que antes os filhos chegavam e diziam: “pai, o que é para fazer?” Hoje, ao contrário, eu que pergunto para eles: “Meus filhos, como vamos fazer isso aqui?” Hoje não é só o pai que opina. “Eles opinam junto comigo, várias práticas ecológicas que eu fazia sozinho, hoje fazemos juntos. O orgânico é um lema forte da nossa família, construir juntos”.

Aqui aparece uma mudança de paradigma capaz de revolucionar a atuação da família na sociedade. Antes, o pai, em uma perspectiva hierárquica e monárquica, era quem mandava e ditava o que os filhos submissos deviam fazer. Agora, com Educação do Campo, a família passou a agir dentro de um paradigma comunitário-coletivo. Não tem mais a noção de hierarquia, mas os vários saberes

são posto, em diálogo, na atuação que passa a ser eminentemente coletiva. Sem dúvida que isso contribui no processo de emancipação dos filhos e de toda a família e, conseqüentemente, comunidade local. Essa atuação terá uma força irradiante.

4. Considerações Finais.

Sem a pretensão de esgotar a reflexão da dimensão política da Educação do Campo *versus* a Educação Tradicional, nos cabe ainda algumas palavras certamente complementadas pela contribuição do contexto e da experiência prática vivenciada pelos estudantes da EFA Nova Esperança na pedagogia da alternância.

Se comparando ao envolvimento entre uma e outra escola, é possível logo perceber como as decisões destas de uma forma ou de outra influenciam na vida política dos educandos, de suas famílias e comunidades da região. Tradicionalmente a escola pública se pautou por um modelo em que, o paradigma normal, o professor é o sujeito ativo e o estudante é alguém passivo, mais objeto do que sujeito; segundo este modelo o professor é considerado aquele que supostamente sabe tudo, enquanto que o estudante é considerado alguém que está na sala de aula somente para aprender o que o professor transmite. É a tal educação bancária, denunciada por Paulo Freire. No entanto, a escola do campo ao propor a pedagogia da alternância quebra com o paradigma do sujeito passivo e propõe um novo paradigma que favorece as condições do sujeito ativo.

Olhando o contexto e as ações pedagógicas desenvolvidas pela Escola Família Agrícola envolvendo educandos, educadores e famílias, identificamos opções importantes na dimensão pedagógica, política organizativa que se bem aproveitadas, sem dúvida conduzirão os estudantes a novos horizontes. Neste sentido, dar-lhes a mesma força formadora é um desafio a mover a educação do campo como instrumento de transformação do sujeito e o sujeito por sua vez transforma a realidade. Realidade que tem suas raízes fortemente marcadas no sistema capitalista/hegemônico, em que essas dimensões aparecem dissociadas. É sabido, no entanto, que juntas educam, orientam e informam as pessoas; quanto ao sistema hegemônico não se coloca este compromisso.

O que seria da dimensão pedagógica, por exemplo, totalmente separada das outras dimensões educativas? Então, cabe a EFA cumprir o seu papel de conduzir de forma organizada juntamente com os sujeitos, essa prática que entrecruze as dimensões, porque tanto a aproximação quanto a sua separação continua desafiando os educadores. Conhecido como os quatro pilares dos Centros de Formação Famílias Agrícola, os mesmos estão interligados entre si: a formação integral das pessoas - um projeto pessoal de vida; o desenvolvimento local - processo que criam lanços sociais; a alternância - uma metodologia pedagógica pertinente; a associação responsável - famílias e outros atores locais. (Puig, 2010. p. 66)

A pedagogia da alternância busca integrar escola, família, comunidade e educadores. Ela permite uma troca de conhecimento e o fortalecimento dos laços familiares com vínculo dos educandos com a comunidade. Neste sentido se torna importante o tempo escola, pois é neste que os educandos têm aulas teóricas e práticas e tantas outras atividades que contribuem de forma significativa na auto-organicidade pessoal e coletiva que favorecem o bom funcionamento da EFA. Os mesmos valores têm também no Tempo Comunidade, onde os educandos realizam atividades e vivenciam na prática o saber teórico, são experiências que permitem a troca de conhecimento nos mais diversos aspectos.

Para isso se faz necessário que a escola se abra para o diálogo, reconheça e valorize as práticas educativas que acontecem fora dela. Da mesma forma busque fortalecer as parcerias com a comunidade territorial, de modo que possa reunir as condições necessárias para avançar no processo pedagógico em todas as dimensões, das diversas pedagogias: da terra, do trabalho e da produção, da cultura, da história, da alternância, do fortalecimento institucional.

Sendo assim, inferimos que a educação do campo tem dado uma importante contribuição para o fortalecimento na formação dos camponeses na perspectiva de construir as condições necessárias para que as pessoas possam viver com mais dignidade e fazer emergir os Direitos Humanos ainda negados às pessoas, pois há grupos vivendo ao largo, invisibilizados, longe das políticas públicas, sem Direitos Humanos, mínimos garantidos.

Por fim, o desafio que se impõe hoje aos sujeitos da educação do campo, de modo particular aos educandos e educadores, é avançar na clareza teórica e prática da educação do campo. Este desafio exige, de todos nós, um permanente retorno às questões de origem: o que é mesmo a educação do campo e quais são os seus fundamentos principais? A que ela se propõe no atual contexto? Como articular bem as dimensões da formação técnica com a formação para o exercício da cidadania, melhor dizendo, exercício da camponia, cidadania dos camponeses?

Considerando as vantagens da travessia da Escola Tradicional para a Educação do Campo, podemos reafirmar aqui o

CREDO DO EDUCADOR

Creio na Educação, por que humaniza, busca o novo,
é geradora de conflito, preparando para a vida.

Creio na Educação, porque acredito no homem e na mulher
como sujeitos de suas histórias, capazes de construir sempre novas relações.

Creio na educação que, quando libertadora,
é caminho de transformação,
para a construção de uma nova sociedade.

Creio na Educação que promove e socializa, que educa criticamente e
democraticamente, levando o ser humano a conhecer a si mesmo e ao outro.

Creio na Educação Básica do Campo, porque recupera e propõe a luta, a cultura, o
trabalho, a vida e a dignidade dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo.

Creio na Educação, porque sempre terei o que aprender e o que ensinar.

Creio na Educação como um processo permanente e dialético que acompanha o ser
humano em toda a sua existência

(Adaptado do IV CEDEC, 1995)

Referências Bibliográficas.

CALDART, ROSELY. **POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO**(2ª Edição: Brasília DF.,Setembro de 2001)

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Por uma educação do campo: campo - políticas públicas – educação**: Im: SANTOS, Clarice Aparecida dos (org.). Brasília: INCRA; MDA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, (completar citação), 1996.

GARCIA e PUIG. **Formação em Alternância e Desenvolvimento local**. Belo Horizonte: Editora: O Lutador, 2010. (AIDEFA).

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª ed. revista e ampliada – Petrópolis, RJRJ: Vozes, 2010.

www.unacefas.org.br , acessado em 19/09/2014

Estatuto Social da Associação da EFA ..., 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na Escola Cidadã**. Ed. Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2002.

Regimento Interno da Escola Família Agrícola ...NE. 2012

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 48ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica:** a construção do conhecimento. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Resolução CNE/CEB N^o 1 – de 03 de abril de 2002.

GADOTTI, Moacir, **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Petrópolis, 2000 –(Serie Brasil Cidadão).